

AS MÚLTIPLAS VARIAÇÕES DO ONÍRICO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Prof^a. Dr^a. Marli Cardoso dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
marli.lics@gmail.com

Resumo: O intuito principal deste trabalho não é apenas fazer um percurso pela ampla obra do escritor Machado de Assis. Nosso objetivo é buscar entender uma espécie de ensaio de um projeto literário e de aperfeiçoamento na utilização do onírico em narrativas distintas. Os momentos que se referem ao encontro da realidade ficcional com os espaços do inconsciente, quando mesclados, transformam a narrativa em um jogo de vozes, espaços e tempos diversos. Procuraremos resgatar, por meio de várias leituras, a indefinição dos limites entre sonho e realidade ficcional instaurada pelo autor. Analisaremos também, a importância do escritor no século XIX e as inúmeras situações que deixam o leitor em estado de hesitação dentro da ficção machadiana.

Palavras-chave: Onírico, espaço literário, Machado de Assis.

Abstract : This work aim is not to make only a tour of the extensive Machado de Assis' shell-work. Our goal is to understand a kind of test of a literary project and improvement in the use of the dream in different narratives. The moments that refer to the meeting between fictional reality and unconscious spaces, when mixed, change the narrative in a game of voices, spaces and times . We want to rescue, through many texts, the limits indefinición between dream and reality fictional established by the author. We will also analyze the importance of the writer in the 19th century and the different situations that leave the reader in doubt of the state within the Machadian fiction.

Keywords: dreamlike, oneiric, literaryspace, Machado de Assis

Machado de Assis foi um grande escritor na literatura brasileira. Sua vasta produção configura-se como uma escrita versátil que o conduziu à consagração ainda em vida. O escritor possuía uma visão aguda, o que permitiu uma escrita crítica e denunciadora da sociedade da época. Embates psicológicos foram temas frequentes nas narrativas machadianas, assim como a fina ironia do escritor contra as hipocrisias da burguesia no século XIX.

Um dos pontos marcantes de sua obra foi a busca por desvendar o ser humano por meio de personagens, muitas vezes com um tom sarcástico e irônico. Para Afrânio Coutinho, Machado possuía “um gosto muito apurado em pintar o

lado mau do homem”¹. Com isso, várias narrativas trouxeram esse lado pessimista de ver o ser humano e abordaram temas como a loucura; os desvios do inconsciente como o sonho; e sentimentos que rodeiam o homem, como a inveja e a ambição. O escritor soube, desse modo, dar um toque especial às suas narrativas com a descrição de sonhos, instituindo uma nova direção às tendências literárias da época.

Machado é, assim, comparado a outros clássicos pela riqueza de suas narrativas literárias, sobretudo no que tange a questões espaciais, sejam espaços reais, ou oníricos. Ele resgata elementos de autores e estilos de várias épocas, dado o trabalho verticalizado e universal com temas e formas artísticas sempre de maneira inovadora.

Existem muitos estudos acerca da obra de Machado, sobre diversos temas, inclusive sobre realidade e ficção, sobre a psicanálise e o sonho. Mas nessa perspectiva onírica, existem menos trabalhos, uma vez que os pesquisadores focalizaram os estudos em narrativas mais conhecidas do escritor, como em “A chinela turca”. Carlos Eduardo Meirelles, vinculado à Universidade de São Paulo (USP), realizou um estudo desse conto a partir da teoria de Freud sobre a realização de desejos, desejos que estão camuflados no inconsciente do personagem e que passam a se realizar no sonho.

Podemos citar, também, o livro de Luis Alberto de Freitas intitulado *Freud e Machado de Assis*, que resgata a psicanálise dentro da literatura machadiana, com a análise de algumas narrativas, buscando sempre um ponto de intersecção entre a arte literária e a psicanálise. Ainda numa perspectiva psicológica, o artigo da professora Teresinha V. Zimbrão da Silva, da UFJF, intitulado “Machado de Assis: um sonho e outro sonho”, traz uma abordagem do conto “Um sonho e outro sonho” por meio das teorias junguianas; contudo, a análise desenvolvida pela professora é especificamente voltada ao campo do imaginário e à relação entre os termos *anima* e *animus*. Relembrando esses estudos machadianos, abordaremos o onírico como recurso literário para a ambientação do fantástico. Com esse objetivo, identificaremos os principais momentos que envolvem o sonho na narrativa do escritor, em pleno século XIX.

¹ COUTINHO, 1959, p. 61.

Num século marcado por grandes acontecimentos no Brasil e no mundo, numa espécie de confluência de todos os tempos, o homem, fragilizado pelo seu meio e pelo próximo, procura incessantemente se encontrar. Em meio a tantas questões que envolvem o entendimento do ser humano, a psicanálise atinge um ponto forte nesse período, sobretudo no fim desse século. O Romantismo foi o precursor dessas tensões, especialmente na segunda fase, na qual os autores mostram a necessidade de fuga, de evasão de um mundo racional para o onírico. O sonho foi encarado diversas vezes como um refúgio para um outro mundo, como afirma Benedito Nunes: “o *sonho*, estado primitivo da alma humana e ‘segunda vida do espírito’ (Gerard de Nerval), foi outro dos grandes mitos do Romantismo”². No caso da narrativa de Machado, essa fuga aparece, sim, mas quase sempre esse mito onírico surge como uma crítica aos sujeitos e padrões da sociedade, ou ainda, como um recurso para zombar dos leitores românticos, persuadindo-os a novas posturas como leitores e como seres sociais.

Machado foi também um grande leitor, e esse estilo de lidar com o tempo, com o espaço e com os personagens provêm, de certo modo, das leituras de outros escritores, como, por exemplo, Honoré de Balzac. As narrativas balzaquianas correspondem a uma das principais obras-primas do século XIX. Os livros de *A Comédia Humana* buscam abordar o homem em situações do cotidiano, com um tom crítico contra os diferentes costumes presentes em homens e mulheres daquela época.

Nessa perspectiva comparativa, vemos o homem ser aniquilado e transformado em um simples louco pelos seus próprios atos obtusos e pela crueldade de outros homens na figura do major Tomás do conto “O anjo Rafael”, no personagem Brás Cubas de *Memórias Póstumas*, em Rubião do romance *Quincas Borba*, em Simão Bacamarte do conto “O alienista”, da mesma forma que no conto “O Coronel Chabert” de Honoré de Balzac: “– Chabert não, Chabert não! Eu me chamo Hyacinthe [...] Não sou mais um homem, sou o número 164, sétima sala – acrescentou, olhando para Derville com uma ansiedade medrosa [...]”³. Nesse fragmento, vemos a loucura representada por um personagem que foi

² NUNES, 1985, p. 70.

³ BALZAC, 2008, p. 77.

simplesmente abafado pelos homens e pela sociedade, ou seja, Balzac estende sua linguagem crítica para demonstrar que o Coronel Chabert representa muito mais que um personagem ficcional, ele se assemelha aos excluídos, aos pobres, aos loucos, pessoas que não têm mais o direito de defender sua existência.

Então, podemos dizer que Machado incorporou características dos grandes clássicos, como a ironia e o estilo refinado de utilizar as palavras, para entender o mundo e os homens. Nesse sentido, o escritor foi buscando novas formas de escrever, inovando seu estilo, pois além de produzir contos de cunho romântico e realista, escreveu contos fantásticos, instigando os leitores à sondagem de espaços desconhecidos.

Essa é apenas uma das questões tratadas por Machado em seus contos, as vontades do inconsciente, verdadeiros mistérios, que na literatura, aparecem cercados de ambivalências e enigmas que não conseguem ser revelados somente no plano do real:

Porque o mundo real, infelizmente, é contraditório e disparatado como tal. Carece daquela unidade que constitui o anelo permanente dos românticos, que a buscaram no plano do mítico, do onírico, do fantástico, como expressões sensíveis da pura espiritualidade.⁴

A partir dessa afirmação, compreendemos que o trabalho com o mundo inconsciente foi fundamental para os desdobramentos de atitudes e comportamentos dos personagens, não possibilitados nesse mundo “real” das narrativas. Nesse ponto, observamos que a modernidade machadiana está presente nesse deslocamento. Machado “Foi um inovador, ao mesmo tempo prudente e ousado”.⁵

Assim, no início da carreira do escritor, já havia indícios da modernidade que se referem ao esvaziamento do enredo e enriquecimento da visão dos personagens, ou seja, o escritor trazia para a narrativa condutas, pensamentos, qualidades e defeitos de homens e mulheres. Essa modernidade se instaura e aos poucos vai surgindo um escritor que conquista os leitores e os

⁴ GUINSBURG; ROSENFELD, 1985, p. 291.

⁵ PEREIRA, 1988, p. 290.

críticos literários devido a sua perspicácia e agudeza no desenrolar do enredo e na forma como articula a linguagem.

Esse estilo inovador de escrita pode ser visto também em Dostoiévski, em um de seus mais conhecidos romances, *Crime e Castigo*. Esse romance, além de possuir uma atmosfera fantasiosa, podendo ser classificado como estranho-puro, é uma narrativa que atrai o leitor, num paralelo entre realidade e fantasia que o engana e o envolve e, ao mesmo tempo, denuncia o caráter e a fragilidade do personagem. Já temos, nesse caso, alguns indícios de que os recursos utilizados por Machado aproximam-se daqueles usados por Dostoiévski, contemporâneo a Machado, pois ambos inserem peculiaridades em seus textos no que diz respeito às questões de identidade, loucura e fragilidade do homem. Machado é contemporâneo dos escritores que estudam os valores individuais e sociais e as contradições e os conflitos que cercam o homem, e por esse motivo, resolvemos levantar alguns textos, nos quais o espaço onírico torna-se fundamental para a articulação da narrativa.

O sonho sempre foi um grande mistério para a humanidade e os conceitos que envolvem o inconsciente foram antecipados com a literatura, seja pela literatura bíblica ou pela mitologia. As questões que, segundo Roberto Machado⁶, envolvem o homem na modernidade, como a loucura, a morte e os desvios da mente foram abordadas por Machado de Assis. O escritor, aparentemente, resgata o sonho para servir de alicerce para um espaço fantástico, ou seja, os momentos de sonho das diversas narrativas machadianas resvalam para o insólito, deixando o leitor em estado de hesitação, e esse artifício literário faz com que a narrativa se transfigure para alcançar o misterioso.

Os primeiros momentos em que Machado explora os sonhos estão bem próximos de uma conduta romântica e perceberemos que os enredos são simples, principalmente no início da carreira do contista. Com um tom voltado para o Romantismo, Machado constrói situações semelhantes, como afirma Aderaldo Castello:

⁶ Roberto Machado, no livro *Foucault, a filosofia e a literatura*, faz um percurso pelas principais ideias tratadas por Foucault em alguns de seus livros. Termos como a loucura, a morte e a hipocrisia humana, segundo Roberto Machado, fazem parte daqueles abordados por filósofos e também por literatos.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

Na verdade, o argumento ou a história, na maioria dos contos de Machado de Assis, é extremamente simples, de fácil apreensão e redução. Despojada e isolada, é banal, ao mesmo tempo que se verificam, no conjunto da obra do contista, freqüentes repetições ou repisamentos de situações.⁷

Essas semelhanças nos enredos se dão também pela forma como o sonho é trabalhado nessas narrativas. Podemos até fazer comparações desse artifício empregado pelo autor, já que em alguns momentos o sonho é colocado implicitamente e em outros ele já é explícito e explorado. Para pontuar essas diferenças, no tocante às questões oníricas, não podemos esquecer que elas fazem parte do fantástico como estratagema ficcional. Vejamos um pequeno fragmento de um texto de Machado para começarmos a entender esse recurso narrativo:

Tenho ao pé de mim uma pistola, pólvora e bala; com estes três elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.⁸

O personagem descrito é semelhante a Brás Cubas, como mais um condenado a deixar a vida sem esperanças. É isso o que o narrador sugere no conto “O anjo Rafael” (1869). Entretanto, não há como saber se a história continuará como começou. E, assim, o leitor é conduzido junto com o personagem a mais um mistério:

É fácil imaginar a ânsia com que o doutor esperou a resposta do seu misterioso correspondente. O que ele queria era pôr termo àquela aventura que tinha ares de um conto de Hoffmann.⁹

Machado faz referência a Hoffmann, pois o narrador do conto “O anjo Rafael”, além de seduzir o leitor para um universo insólito, faz com que a narrativa entre em um clima estranho semelhante ao insólito presente nos contos de Hoffmann. E.T.A. Hoffman, escritor alemão do século XIX, é considerado uma das grandes influências para a produção de narrativas fantásticas, narrativas que deixam o leitor em estado de hesitação. No conto “O homem de areia”, por

⁷ CASTELLO, 1969, p. 77.

⁸ ASSIS, [196-] c, p. 21.

⁹ ASSIS, [196-]c, p.25.

exemplo, há em alguns momentos esse clima de dúvida que engana e envolve o leitor. Tzvetan Todorov trabalha com o conceito de hesitação na definição do fantástico; para ele “o fantástico [...] dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’, tal qual existe na opinião comum”.¹⁰

O fantástico dura o tempo de uma hesitação, mas pode extrapolar esse conceito, pois, em algumas narrativas, o insólito predomina para além das incertezas do leitor, prevalecendo até o final dos acontecimentos. No caso do conto “O anjo Rafael”, encontramos uma narrativa voltada para o estranho, apesar de não ser um estranho clássico, já que o intuito do narrador não é proporcionar um clima assustador e de medo, mas corrobora para que o leitor acredite no mistério e na possibilidade de um sonho e aos poucos ir descobrindo, ou pelo menos, tomando gosto pela aventura proposta pelo narrador machadiano.

Desse modo, Machado compõe o conto “Decadência de dois grandes homens” (1873), no qual o personagem Miranda, envolto por sua curiosidade, resolve descobrir as verdades que cercam o homem do Café Carceler. Conduzido por esse mistério, deixa-se levar até a casa desse senhor, e lá descobre que a loucura do personagem o seduz para um clima de sonho e realidade. O sonho ou delírio, proporcionado pelo charuto do Senhor Jaime, só é descoberto no dia seguinte, mas o leitor é capturado pelos acontecimentos extraordinários que o Dr. Miranda presencia:

[...] Nenhum rumor; o trovão não trouxera chuva; as patrulhas andavam por longe; nenhum caminhante feria as pedras da rua. Eram mais de dez horas. O meu anfitrião, sentado na cadeira de couro, olhava para mim, abrindo dois grandes olhos e eis que estes começam a crescer lentamente, e já ao fim de alguns minutos pareciam no tamanho e na cor as lanternas dos bondes do Botafogo. Depois, começaram a diminuir até ficarem muito abaixo do tamanho natural. A cara foi-se-lhe alongando e tomando proporções de focinho; caíram as barbas; achatou-se o nariz; diminuiu o corpo, assim como as mãos; as roupas desapareceram; as carnes tomaram uma cor escura; saiu-lhe uma extensa cauda, e eis que o ilustre Bruto, a saltar sobre a mesa, com as formas e as visagens de um rato.¹¹

¹⁰ TODOROV, 2004, p. 47-48.

¹¹ ASSIS, [196-]b, p. 28.

Essa metamorfose é criada pelo inconsciente do Dr. Miranda, que antes ouvira uma crença do senhor Jaime e estava seduzido por uma verdadeira história de ficção. Jaime achava que era Bruto, e que seu gato era Júlio César, que para vingar sua morte voltara em forma de gato até chegar o mês de março em que o seu inimigo Bruto (Jaime) se transformaria em rato e ele o devoraria: “O gato não sobreviveu à vingança. Apenas comeu o rato, caiu trêmulo, miou alguns minutos e faleceu”.¹²

O imaginário do personagem transforma a narrativa por meio dos acontecimentos insólitos, que depois são explicados pela possibilidade do sonho. Nesse conto, o irreal é predominante, e dentro dessa irrealidade acontecem fenômenos espantosos, como a transformação de pessoas em animais.

Esses dois contos, voltados para o universo insólito, foram escritos na juventude de Machado, época em que o escritor tinha cerca de 30 anos, e seus primeiros escritos, como já nos referimos anteriormente, possuem um enredo marcado pelas influências românticas, sendo respaldados numa possibilidade de crítica a um Romantismo ingênuo e até exagerado, na medida em que os personagens são referidos muitas vezes como “heróis”. Os primeiros escritos de Machado se configuram como o início de um possível projeto literário, no qual o onírico ocupou uma parte significativa, uma vez que foi a partir do espaço onírico que o autor construiu boa parte de seus contos considerados fantásticos e, assim também, fizeram alguns autores pertencentes a esse período do Romantismo, como Álvares de Azevedo. “Para eles (os românticos), é efetivamente no inconsciente que se encontra o nosso ser mais profundo, ou seja, este lado noturno que nos habita e faz parte orgânica de nossa psique”¹³. Partindo dessa afirmação, podemos lembrar que os desvios do inconsciente, como os sonhos, os delírios e as alucinações são os pontos de partida para a produção de narrativas que mesclam o real ficcional e o fantástico. A diferença é que Machado utiliza o recurso do sonho não como evasão simplesmente, mas, mesclados à ironia, os sonhos têm como efeito a crítica ao homem social.

¹² ASSIS, [196-]b, p. 29.

¹³ GUINSBURG; ROSENFELD, 1985, p. 28.

Ainda nesse início de projeto, podemos nos lembrar do conto “Aurora sem dia”, publicado também em 1873. Nessa narrativa, os sonhos aparecem não como recurso para o insólito, mas como uma necessidade de vida do personagem. Luís Tinoco, simples escrevente no Fórum, resolve se dedicar à carreira de poeta, só que sem nenhum sucesso, pois ele considera seus poemas muito rebuscados para o entendimento daquele povo. Desse modo, o personagem, sem receber nenhum reconhecimento pelas suas obras, decide se tornar político, com o auxílio do Dr. Lemos, amigo de seu padrinho. Entretanto, tudo o que o ‘poeta’ deseja é antes idealizado em seus sonhos e intermediado por uma possível sandice:

A noite foi mal dormida, como a véspera da publicação do primeiro soneto, e entremeada de sonhos análogos à situação.

Luis Tinoco via-se já troando na assembléia provincial, entre os aplausos de uns, as imprecações de outros, a inveja de quase todos, e lendo em toda a imprensa da província os mais calorosos aplausos à sua nova e original eloquência. Vinte exórdios¹⁴ fez o jovem deputado para o primeiro discurso, cujo assunto seria naturalmente digno de grandes rasgos e nervosos períodos. Ele já estudava mentalmente os gestos, a atitude, todo o exterior da figura que ia honrar a sala dos representantes da província.¹⁵

Essa atitude do personagem em imaginar a reação do público, os seus gestos e discursos, demonstra a sua fragilidade perante uma realidade que não é a dele, já que os seus sonhos são utópicos demais e o mundo do personagem não é palpável, é idealizado. Machado, habilmente, disponibiliza ao leitor uma grande crítica às idealizações românticas ingênuas do Romantismo.

Por viver em um mundo ilusório, o personagem acaba se decepcionando, pois, depois de conquistar um lugar na câmara, um de seus adversários, aborrecido com seus discursos longos e utópicos, acaba lembrando dos medíocres poemas do então deputado, para a decepção de Luís Tinoco, que, só assim, percebe o quanto estava sendo ridículo a perseguir ideais que nada condiziam com a sua realidade. Ou seja, dessa forma, ele sai do mundo dos sonhos e recobra a razão.

¹⁴ Nota trazida no livro onde foi publicado o conto. Exórdios: primeira parte do discurso oratório.

¹⁵ ASSIS, 2006b, p. 141-142.

Esse conto demonstra como Machado recorre à ironia para criticar a conduta de um personagem idealizador, incapaz de tomar atitudes condizentes com sua realidade, preferindo assumir uma posição ilusória. Com essa perspectiva crítica, Machado continuou, cada vez mais, aperfeiçoando uma escrita intermediada pelo onírico. Segundo Afrânio Coutinho:

Passados os trinta anos, amadurecida a inteligência ele vai-se libertando dos moldes românticos e as suas qualidades gerais do gênio clássico, que darão aos quarentas anos, oportunidade de expansão total das suas faculdades criadoras.¹⁶

Esse aprimoramento que veremos em contos posteriores, refere-se ao senso crítico mais apurado, que foge das idealizações e procura uma visão plenamente aberta aos conflitos humanos. Todavia, essa divisão em fases não é tão pacífica como afirma Coutinho. Machado escreveu durante o período romântico e não há como dizer que ele foi se libertando desse período, ao contrário, ele adquiriu outros modos de compor suas narrativas, como acontece com outros escritores, a diferença é que Machado foi crítico e conseguiu criar um estilo próprio que aparece de forma mais ou menos perceptível no decorrer de sua escrita.

Com esse aprimoramento na escrita, Machado retoma, de outro modo, a temática do sonho, em um de seus contos mais conhecidos, “Uns Braços” (1896). Toda a história gira em torno do sentimento de desejo reprimido de Inácio pelos braços de Dona Severina. O jovem é apenas um hóspede naquela casa, mas isso não impede que ele se apaixone pela senhora que poderia ser sua mãe. Essas paixões adolescentes por mulheres mais velhas são comuns nas narrativas de Machado, mas a consumação desses amores proibidos é camuflada e aparece de forma pouco nítida nos sonhos e devaneios dos personagens:

[...] Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhes nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas, cálidas, principalmente novas – ou pelo menos, pertenciam

¹⁶ COUTINHO, 1959, p. 65.

a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. Duas, três e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaivotas, ou atravessando o corredor, com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinando-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até a porta, vexada e medrosa.¹⁷

Percebemos que o inconsciente pode enganar e iludir, como no conto “Uns Braços”, no qual o momento principal é justamente a indefinição de limites entre espaços: o jovem Inácio sonha com Dona Severina e um mesmo beijo acontece no sonho e na realidade. Um mistério fica no ar para o jovem, que nunca saberá que os dois espaços ficcionais se encontraram. Essa fusão do espaço onírico com o real sugere uma ambientação fantástica, na medida em que o consciente e o inconsciente se encontram e se completam. O sonho para Inácio foi a realização de um desejo, “pode demonstrar-se facilmente que os sonhos evidenciam amiúde, sem disfarce algum, o caráter de realização de desejos, a ponto de nos causar assombro...”¹⁸. Desse modo, o narrador constrói os momentos ficcionais de forma a mesclá-los, e o leitor não sabe o que realmente aconteceu, pois tudo é sugerido, nada é confirmado. A partir disso, subentende-se que a verdade pode ser encontrada dentro e fora do sonho, o que o autor demonstra pela forma como une os espaços ficcionais.

Em “A Missa do galo” (1899), temos outro exemplo de que o sonho pode constituir um mistério que não é revelado na superfície da narrativa. O leitor jamais saberá o que aconteceu naquela sala entre o Dr. Nogueira e Dona Conceição, já que a atmosfera permaneceu misteriosa: “Há impressões dessa noite que me parecem truncadas ou confusas”¹⁹. Esse clima proporcionado pela noite, pelo sono e pelo sonho, é mais uma estratégia do autor para que o leitor caia na armadilha e fique com a dúvida do que realmente aconteceu. O que percebemos na superfície da narrativa é um clima misterioso, construído pelo narrador, possibilitando a sugestão de um possível acontecimento entre os dois

¹⁷ ASSIS, 2006d, 113-114.

¹⁸ FREUD, [19--], p. 183.

¹⁹ ASSIS, 2006c, p. 15.

personagens. Podemos afirmar, que aquilo que fica oculto gera um vazio estético, imprescindível à polissemia da narrativa.

Podemos destacar também, um dos contos mais conhecidos e analisados do escritor, “A chinela Turca”. Assim como no conto “O capitão Mendonça”, o leitor de “A chinela turca” é levado pelos acontecimentos sem perceber que está sendo conduzido pelo narrador a um universo onírico. O personagem principal, o Bacharel Duarte, no momento inicial do conto só tem uma preocupação: ir ao baile e dançar com a dama de seus sonhos. No entanto, seus planos são interrompidos por um sujeito, o major Lopo Alves, nada menos que o tio da moça dos olhos azuis, a bela Cecília. O Bacharel não pode fazer nada quanto à visita, já que ela é importante, pois seria uma influência para a conquista de Cecília. O major Lopo Alves traz ao rapaz alguns esboços de uma peça que está escrevendo, composta de sete quadros. Seu intuito é fazer com que o Bacharel Duarte ouça a leitura da peça, faça alguns comentários avaliativos e depois vá ao baile. Mas isso tudo se torna um tédio, pois mesmo o major possuindo certa inclinação para a escrita literária, o quadro que trouxera tratava-se de um drama ultrarromântico, semelhante à peça assistida pelo Sr. Amaral no conto “O capitão Mendonça”:

Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dois embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjetivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano no sétimo.²⁰

Esse drama podia constituir o melhor dos dramas, mas não era esse o interesse do Bacharel. Sua pretensão era se livrar daquele tédio e ir dançar com a dama dos seus pensamentos. O drama romântico, criado por uma espécie de inspiração divina, não atrai os personagens Amaral e Duarte, que se refugiam em um sonho, para escapar de uma peça que possui um romantismo exacerbado. Nesse caso, encontramos o espaço onírico como um refúgio a princípio, mas o

²⁰ ASSIS, [196-]a, p. 174.

desenrolar do conto conduz o leitor para um universo paralelo à realidade da narrativa, um entrelugar.

Podemos destacar também, o conto machadiano “O País das Quimeras”, que foi publicado pela primeira vez no Jornal *O Futuro* em 1862. Alguns anos depois, precisamente em 1866, esse conto foi reescrito com o título “Uma excursão milagrosa”. Na primeira versão do conto, a narração é feita em terceira pessoa, sendo que grande parte das impressões do personagem Tito não são contadas diretamente por ele. Na segunda versão, Machado preferiu relatar a viagem pela própria fala do personagem, uma vez que a história começa em terceira pessoa, com uma introdução bem longa e depois Tito toma a palavra e descreve tudo o que se passou com ele durante uma viagem extraordinária, quimérica, onírica.

Enfim, com esses poucos exemplos, entendemos que Machado de Assis desenvolveu durante anos um projeto literário voltado para o onírico. Analisar esses sonhos ficcionais torna-se necessário para resgatar os artifícios utilizados pelo autor para capturar o leitor e, desse modo, fazer uma possível análise desses sonhos, no que se refere à influência deles nas condutas e atitudes dos personagens.

Nesse breve percurso realizado, entendemos que o recurso onírico configurar-se-á como um espaço voltado para a ambientação do fantástico. O fantástico em obras literárias de escritores como E.T.A. Hoffmann, Edgar Allan Poe, Álvares de Azevedo, Murilo Rubião, entre outros, aparece na maior parte das vezes intermediado pelos sonhos, por alucinações, por delírios. Contudo, esses autores já são considerados escritores de narrativas fantásticas, o que não é o caso de Machado de Assis. Além de ser considerado um autor clássico, boa parte da crítica o considera realista, uma vez que o autor utiliza-se da ficção para desnudar peculiaridades do real, do cotidiano, das mesquinhas humanas. Assim, nessa conduta crítica ao real, o escritor voltou-se em alguns momentos para o fantástico, ainda com o intuito de resgatar o real na irrealidade. Nesse âmbito, entendemos que estudar o onírico em suas obras é válido para compreender um aspecto recorrente na narrativa do escritor.

Referências:

- ASSIS, Machado de. A chinela turca. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2006a.
- ASSIS, Machado de. Aurora sem dia. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora MartinClaret LTDA, 2006b.
- ASSIS, Machado de. Decadência de dois grandes homens. In: R. Magalhães Júnior. (Prefácio e Organização). *Contos Esquecidos*. Rio de Janeiro: Coleção Prestígio. Editora Tecnoprint S.A. Ediouro, [196-]b.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Série Bom Livro, 28. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- ASSIS, Machado de. Missa do galo. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2006c.
- ASSIS, Machado de. O anjo Rafael. In: R. Magalhães Júnior. (Prefácio e Organização). *Contos Esparsos*. Rio de Janeiro: Coleção Prestígio. Editora Tecnoprint S.A. Ediouro, [196-]c.
- ASSIS, Machado de. O capitão Mendonça. In: R. Magalhães Júnior. (Prefácio e Organização). *Contos Recolhidos*. Rio de Janeiro: Coleção Prestígio. Editora Tecnoprint S.A. Ediouro, [196-]d.
- ASSIS, Machado de. Uma excursão Milagrosa. In: R. Magalhães Júnior. (Prefácio e Organização). *Contos Recolhidos*. Rio de Janeiro: Coleção Prestígio. Editora Tecnoprint S.A. Ediouro, [196-]e.
- ASSIS, Machado de. Um sonho e outro sonho. In: *Relíquias de Casa Velha*. VOL.I. São Paulo: Editora Brasileira, 1959.
- ASSIS, Machado de. Uns braços. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA., 2006d.
- BALZAC, Honoré de. *O coronel Chabert*. Tradução de Paulo Neves e Rubem Mauro Machado. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2008.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: CIA Editora Nacional. Vol. 6. 1969.
- COUTINHO, Afrânio. *A Filosofia de Machado de Assis e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Interpretação dos Sonhos*. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, [19--].
- GUINSBURG, Jaco; ROSENFELD, Anatol. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, Jaco. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2. ed., 1985.
- HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. O homem de Areia. In: CALVINO, Ítalo (org). *Contos fantásticos do século XIX: O fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. Tradução de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 49-81
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MEIRELLES, Carlos Eduardo Frazão. *A Chinela Turca: Desejo e Gozo na fantasia*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a26v1512.pdf> acesso em julho de 2015.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *As portas do sonho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jaco. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2. ed., 1985.
- MEYER, Augusto. O romance machadiano: o homem subterrâneo. In: Bosi et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Itatiaia, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- SCHWARZ, Roberto. Mesa Redonda. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. p. 311-343.
- SILVA, Terezinha V. Zimbrão. *Machado de Assis: um sonho e outro sonho*. Disponível em: <http://www.jung-rj.com.br/artigos/machadodeassis.htm> acesso em julho de 2015.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.12, n.2, 2015. ISSN: 2179-6793

Marli Cardoso dos Santos. Data de Nascimento: 20/09/1985
Graduação em Letras. 2008. Universidade Federal de Uberlândia. Mestrado em Teoria Literária: 2010. Universidade Federal de Uberlândia. Título da dissertação: O sonho em Machado de Assis: análise dos espaços fantásticos. Doutorado em Estudos Literários: 2015. Universidade Estadual Paulista. Unesp. Araraquara. Título da tese: Balzac e os Mitos da Modernidade: Fausto e Don Juan em “La peau de chagrin” et “L’elixir de longevie”. 2015-2016. Professora Contratada de Língua Francesa. Universidade Federal de Uberlândia.